



José Renato Nalini

Orações acadêmicas

Saudação do jurista
Ives Gandra da Silva Martins



ESTÁGIO.

A mais rápida
e a mais importante
forma de incluir
o jovem estudante
no mercado
de trabalho.



RINO

O estágio nas empresas e nas organizações públicas, como os próprios estudantes confirmaram em recente pesquisa realizada pela IntersScience, é indispensável para o ingresso no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo. Além da bolsa-auxílio recebida representar uma remuneração significativa para milhares de famílias, que necessitam da renda desses jovens. O papel primordial do Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE é a oportunidade de promover a integração social de milhares de jovens estudantes, em todo o Brasil, todos os anos. É o que o CIEE realiza, há mais de 40 anos.

Vejam estes números da pesquisa:

- 64% dos jovens estudantes são contratados pelas empresas, após o término do estágio.
- 4 em 10 estagiários complementam com as bolsas-auxílio recebidas o orçamento familiar.
- Mais de 5 milhões de bolsas-auxílio concedidas desde a fundação do CIEE.

*CIEE São Paulo: R. Tabapuã, 540 – Itaim Bibi – CEP: 04533-001 – São Paulo/SP

Telefone do estudante: (11) 3046-8211

Atendimento às empresas: 0800-112929

Fax: (11) 3040-9955

www.ciee.org.br



CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA

Orações *acadêmicas*

Apoio institucional:



CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA

Projeto gráfico: PIC Comunicação – **Edição de Arte e capa:** Edith Schmidt

Edição final e revisão: Renato Avanzi – **Fotolitos e provas:** We Reproduções Gráficas

Impressão: Gráfica Ativa – **Tiragem:** 1.000 exemplares

FICHA CATALOGRÁFICA

Orações acadêmicas. - São Paulo : CIEE [produtor], 2005.
42p.

Pronunciamentos apresentados na solenidade de posse de José Renato Nalini na Academia Cristã de Letras, realizada no Salão Nobre do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo, em 10 de setembro de 2004.

1. Academia Cristã de Letras 2. Centro de Integração Empresa-Escola 3. Literatura I. Nalini, José Renato II. Bertelli, Luiz Gonzaga III. Martins, Ives Gandra da Silva IV. Lembo, Cláudio

CDU 82

SUMÁRIO

SUMÁRIO

Apresentação	7
Valores e princípios do bem	9
Paulo Nathanael Pereira de Souza	
Um homem justo, defensor intransigente da vida	13
Ives Gandra da Silva Martins	
O homem contemporâneo e seus controversos valores	23
José Renato Nalini	
Há ainda esperança	47
Claudio Lembo	

Apresentação

No dia 10 de setembro de 2004, em solenidade realizada vespertinamente no Salão Nobre do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo - TACRIM, na capital paulista, o desembargador e juiz, José Renato Nalini, então presidente do Tacrim, tomou posse na Academia Cristã de Letras. Ele passou a ocupar a cadeira nº 8, cujo patrono é o jesuíta e taumaturgo, o padre Belchior Pontes.

Coube ao jurista Ives Gandra da Silva Martins, também membro da Academia Cristã de Letras, fazer a saudação ao novo acadêmico. O vice-governador do Estado de São Paulo, Cláudio Salvador Lembro, presente ao evento, também fez questão de prestar sua homenagem ao desembargador. Em seguida, José Renato Nalini fez seu pronunciamento, já como novo titular da cadeira nº 8 da Academia Cristã de Letras.

PRINCÍPIOS

Valores e princípios do bem

Paulo Nathanael Pereira de Souza

Membro da Academia Paulista de História
e presidente do Conselho de Administração do
Centro de Integração Empresa-Escola - CIEE.



Assim como as tradicionais agremiações culturais do país, a Academia Cristã de Letras - ACL tem como objetivo primordial zelar pelo cultivo e aprimoramento da língua e da literatura nacional nos seus diversos aspectos. No entanto, é na filosofia que a norteia que se encontra o seu precioso diferencial. Sua linha de ação é essencialmente cristã, isto é, enaltece a santidade da vida em todas as suas manifestações. E, por ser cristã, não aceita as filosofias obscuras e vazias. Luta contra a diluição das hierarquias, sinônimo de ordem e harmonia; contra a liquefação da família, contra o abandono dos costumes e valores cristãos. A busca da verdade, isto é, a libertação de todas as tutelas mediante as luzes da razão humana, bem como a busca do aprimoramento da qualidade de vida, em especial a cultural, tem sido a sua apaixonante meta, como tão bem descreve o presidente da ACL, Adolfo Gilioli.

Desde sua fundação, há quase quatro décadas, a Academia Cristã de Letras vem reunindo ilustres e renomadas personalidades, que se destacam pelo seu amor incondicional à cultura e pela defesa irrestrita do patrimônio cultural nacional. São intelectuais estudiosos amantes da cultura e das tradições que dignificam o ser humano e a família em especial. Assim como o juiz José Renato Nalini, que faz parte dos quadros da Casa desde setembro passado. À época, Nalini era presidente do Tribunal de Alçada Criminal do Estado de São Paulo - TACRIM. Em dezembro último, foi promovido a desembargador do Tribunal de Justiça (TJ), passando a integrar o grupo de 132 membros da mais importante corte da Justiça paulista.

Haveria muito para discorrer sobre José Renato Nalini. São inúmeras as suas qualidades, realizações, ações, conquistas. Poderia falar sobre sua formação, sua competência, sua dignidade, seu profissionalismo. São nobres os seus propósitos, assim como nobre é a sua alma. Contudo, humildemente, peço licença para citar o que acredito

ser o essencial, mesmo correndo o risco de ser minimalista. Nalini é um homem do bem que, com convicção e fervor, expõe e defende os princípios e valores nos quais acredita. E mais do que isso, busca consolidá-los efetivamente em seu dia-a-dia, principalmente como desembargador. Como ele mesmo atesta: “A justiça é imprescindível, bem da vida sem o qual a sociedade não subsiste. A injustiça, mesmo em doses homeopáticas, é veneno mortal”.

Sem dúvida, sua chegada à Academia Cristã de Letras muito engrandece o já rico e profícuo universo que a constitui. Nossas mentes e principalmente nossas almas já aguardam ansiosas as boas novas que esta convivência certamente trará!

Janeiro/2005

HOMEM

Um homem justo, defensor intransigente da vida

Ives Gandra da Silva Martins

Presidente da Academia Paulista de Letras e
membro da Academia Paulista de História
e Cristã de Letras.



Ao receber José Renato Nalini na Academia Paulista de Direito referi-me ao novo acadêmico como um homem que fazia jus a seu nome:

“Os Evangelhos referem-se ao pai adotivo de Cristo como um homem justo, que era o adjetivo mais adequado para confirmar as virtudes de quem as tinha, num mundo pouco virtuoso.

E aquele de quem Nalini recebeu também o nome – e que teve o supremo privilégio de salvar e educar o próprio Deus feito homem – sempre serviu de modelo para sua vida, conservando a lembrança batismal e renascendo, Renato que é, com virtudes de José, o Justo.

Sua vida é uma vida de dedicação ao próximo, ao Direito e à Justiça”.

Descendente de família cristã, seus avós Jacinto e Catarina eram considerados “os pilares de São Bento” pelo apoio dado ao Mosteiro de sua cidade. Uma de suas tias foi religiosa (Sóror Maria da Santíssima Providência). Teve um tio sacerdote secular (Monsenhor Venerando Nalini) e uma das netas de seus avós é carmelita descalça (Irmã Elisabeth da Santíssima Trindade).

Estudou em colégio religioso (Escola Paroquial Francisco Telles e, no Ginásio, Colégio Divino Salvador), tendo vencido a “maratona apologética” com um sobrinho de Dom Agnelo Rossi, o hoje também juiz desta Casa, Francisco Vicente Rossi. Pertenceu, inclusive, à Cruzada Eucarística, à Legião de Maria e ao Movimento dos Cursilhos de Cristandade.

**“Sua vida
é uma vida
de dedicação
ao próximo,
ao Direito
e à Justiça.”**

Pai de 4 filhos, seguiu a carreira jurídica, ingressando na Magistratura (1976), depois de ter trabalhado na Companhia Paulista de Estradas de Ferro e de ter sido secretário particular, Secretário da Educação, do Planejamento e Chefe do Gabinete da Prefeitura de Jundiaí. Antes, ainda foi membro do Ministério Público (1973). Lecionou no Instituto de Educação Experimental de Jundiaí. Ensinou Política e depois Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito da PUC de Campinas e em diversas outras instituições, tendo obtido o grau de mestre e doutor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Participante de inúmeras Academias, entre as quais a Paulista de Letras, notabilizou-se pelos livros sobre ética e sobre filosofia do direito, detendo, inclusive, o título de Cidadão Paulistano pelos serviços prestados a esta cidade.

Como magistrado, carreira em que ingressou em 1976, exerceu as mais variadas funções, sendo hoje presidente do Tribunal de Alçada Criminal.

Participou de Congressos Jurídicos Nacionais e Estrangeiros, sendo autor de sólida obra jurídica – principalmente, como já disse, no campo da ética – entre seus trabalhos se destacando “O Tribunal de Justiça”, “Recrutamento e preparo de juízes”, “O Juiz e o acesso à Justiça”, “Ética Geral e Profissional” e “Ética Ambiental”. Coordenou o “Curso de Deontologia da Magistratura”, “Formação Jurídica” e “Uma nova ética para o juiz”.

Quando o recebi, na Academia Paulista de Direito, lembrei que:

“Sem desprezar as lições que os positivistas aportaram à Ciência do Direito, principalmente no discurso escorreito – sendo Kelsen, para o Direito, o que Wittingestein foi para a filosofia – José Renato Nalini transcendeu, na reflexão sobre a ciência que elegera em sua vida, para o ideal de Justiça, único a justificar o Direito como regulador de uma ordem so-

cial. Quando Hervada e Izquierdo definiram o Direito em três palavras ou seja 'ordem social justa', nada mais fizeram do que acrescentar, ao poder regulador da ordem que o Estado detém a busca de uma organização justa. Mais do que estar a sociedade regulada pelo Direito, é necessário que esteja regulada bem.

Por esta razão, nas três facetas do Direito – ou seja, a da produção normativa, a da legislação aplicada pelo Estado e a da solução dos conflitos na área judicial – o ideal de justiça deve sempre ser objeto supremo daquele que faz do Direito uma vocação de vida. Tanto o legislador quando faz a norma, o administrador quando a aplica e o juiz quando a julga, não podem fazê-lo sem que sua valoração se lastreie no ideal de justiça. E este só ocorre se o legislador, o administrador e o juiz tiverem uma aguda percepção da ética, da moral e de seu papel na sociedade, que é mais servir do que ser servido.

Tal percepção, Nalini sempre manteve claramente, espalhando-a, nos cenários onde atua, com precisão e eficácia. Por isto, como aquele que há dois mil anos lhe serviu de modelo e cujo nome ostenta, é Nalini um homem justo”.

Ao entrar, todavia, na Academia Cristã de Letras quero realçar um aspecto para mim definitivo do novo acadêmico, ou seja, a sua intransigência na defesa da vida.

Temos, os dois, em palestras, debates, encontros, programas de TV, inclusive na Rede Vida, de nosso

“Como aquele que há dois mil anos lhe serviu de modelo e cujo nome ostenta, é José Renato Nalini um homem justo.”

confrade João Monteiro de Barros Filho, defendido, sem receio de patrulhamentos, o direito do nascituro, que não pode ser assassinado no ventre materno pelos cultores da morte.

Nalini tem, sobre a matéria, posição de clareza inequívoca.

Ele, que é contra a pena de morte para criminosos, não poderia ser favorável à pena de morte para o nascituro. Como é contra a tortura de criminosos, não pode ser favorável à tortura seguida de morte, que o aborto provoca no nascituro.

Por esta razão, sua interpretação do texto constitucional é de que houve por bem, o legislador supremo, declarar que o “direito à vida” é inviolável, nestes termos estando redigido o artigo 5º “caput” da Lei Maior. Mais do que isto, tornou tal direito de impossível retirada da Constituição, pois, pelo artigo 60, § 4º, inciso IV, declarou que os direitos e garantias individuais são imodificáveis, até mesmo por emenda constitucional.

“A criança deve poder nascer e desenvolver-se de maneira sadia: com tal fim, devem assegurar-se-lhe cuidados especiais e uma proteção especial.”

No artigo 226 § 7º, por outro lado, realçou a “dignidade humana” como princípio fundamental, completando a garantia ao direito à vida e exigindo dos pais a paternidade responsável e não a irresponsabilidade de se permitirem assassinar seus filhos no ventre materno. Neste mesmo artigo, garantiu, o constituinte, o planejamento familiar, o que vale dizer, admitiu que a responsabilidade paterna seja exercida para evitar a geração de seres humanos, mas não para liquidá-los, uma vez concebidos. Para isto o constituinte, respeitando as convicções dos casais, concordou

que a ciência moderna seja valorizada, mas, em nenhum momento, tal dispositivo aceita que, uma vez concebido, à título de planejamento “mal dirigido”, fosse o ser humano executado sumariamente.

O aspecto mais importante, todavia, a ser meditado, é o esculpido no § 2º do artigo 5º da Constituição Federal. Por ele, todos os direitos e garantias individuais previstos na Constituição e nos tratados internacionais assinados pelo Brasil são cláusulas pétreas, isto é, normas que nem por emenda constitucional podem ser modificadas.

Ora, o Brasil assinou a Convenção Americana sobre Direitos Humanos. Em seu artigo 1º, § 2º, tal Convenção declara que “todo o ser humano é uma pessoa”, acrescentando, no artigo 4º, § 1º, que toda a pessoa tem direito à vida, que deve ser protegida pela lei a partir da concepção. O Brasil promulgou o convencionado pelo Decreto nº 678 de 6/11/92. É de se lembrar que a Declaração dos Direitos da Criança de 1959, ratificada pela II Conferência dos Direitos do Homem, em Teerã, prevê:

“Considerando que a criança em razão de sua falta de maturidade física e intelectual, tem necessidade de uma proteção especial e de cuidados também especiais, sobretudo de uma proteção jurídica apropriada, tanto antes como depois do nascimento ...

A criança deve poder crescer e desenvolver-se de maneira sadia: com tal fim, devem assegurar-se-lhe cuidados especiais e uma proteção especial, tanto como a sua mãe, sobretudo cuidados pré-natais adequados”,

o que vale dizer: para o mundo e para o Brasil, a criança é assim considerada tanto antes como depois do nascimento. E, ao promulgar a Convenção dos Direitos da Criança (Decreto nº 99.710/90), o Brasil reforçou a imutabilidade do “direito à vida”, plasmado como o principal direito do homem, em sua Constituição.

**Não somos
os intelectuais
da moda, sujeitos
à ditadura do efêmero,
mas desertores
da eternidade.
Cultivamos,
ao contrário,
nesta Academia,
os caminhos divinos
na terra.**

Por atribuir ao texto constitucional essa interpretação, Nalini é coerente em sua postura de permanente defesa da vida, posicionando-se contra a pena de morte, a eutanásia e ao aborto.

Lembra, às vezes, com humor, que há quem peça a aplicação da pena de morte aos abortistas, pelo prisma da igualdade, visto que seria uma forma de impor-lhes a mesma pena que eles querem aplicar aos nascituros. Tal isonomia, todavia, não é a lição do amor que prega, razão pela qual o raciocínio é feito para demonstrar a injuridicidade da tese abortista. Lembra ainda que toda a vida é um dom de Deus e que o sofrimento – Cristo veio ao mundo

para mostrar que o próprio Deus feito homem sofreu – é uma constante cotidiana, que serve ao homem para crescer, se compreendida na dimensão exata.

Não resgata – como os eugenistas e os abortistas que buscam a raça pura – a figura de Hitler, que queria eliminar todos os seres insuficientes e deficientes para criar um império que duraria 1.000 anos.

Defende com firmeza, segurança e amor o direito à vida do ser humano desde a concepção, na mais cristã das posições, reconhecendo que só a Deus, Senhor da Vida e da Morte, cabe definir a hora de passarmos do momentâneo para o Eterno.

É, portanto, por seus valores culturais e cristãos de homem justo, – como o era José de Nazaré – que ingressa nesta Academia, abrilhantando

seu quadro e passando a servir na legião de intelectuais, que põem a sua inteligência, com humildade, ao serviço de Deus e do próximo. Daquele que é Senhor do tempo e do espaço infinitos. Não somos, caro Nalini, como dizia Gustave Thibon os intelectuais da moda, sujeitos à ditadura do efêmero, mas desertores da eternidade. Cultivamos, ao contrário, nesta Academia, os caminhos divinos na terra. Seja bem-vindo!

O homem contemporâneo e seus valores

José Renato Nalini

Juiz e desembargador do Tribunal de Justiça,
então presidente do Tribunal de Alçada
Criminal do Estado de São Paulo.



Tempos turbulentos estes que nos são dados viver. Nunca esteve a disseminação do conhecimento em grau de tamanha acessibilidade e disponibilidade. A ciência se propõe a solucionar todos os problemas, a garantir não só longevidade, como vida qualitativamente crescente. Porém, essa mesma vida, pressuposto de todos os demais bens, patrimônio insuscetível de gradação, se vê relativizada, trivializada e sacrificada em nome de valores de discutível consistência.

O paradoxo da grandeza e da fragilidade que aflora no homem contemporâneo torna presente a imagem realista do homem-massa orteguiano, que “*é pura potência do maior bem e do maior mal*”¹.

Compaginam-se no homem contemporâneo perfis negativos e positivos. Dentre os signos falíveis deste ser complexo, mencionem-se:

“É um homem previamente esvaziado de história própria, sem entranhas de passado, que carece de um “dentro”, de uma intimidade sua, inexorável e inalienável, de um eu que não pode ser revogado;

É um homem com extraordinária disponibilidade para fingir ser qualquer coisa;

É um homem que acredita que só tem direitos e não crê que tem obrigações;

É um homem incapaz de entender que há missões particulares e mensagens especiais;

É um homem que se deixa levar

**A ciência se propõe
a solucionar todos
os problemas,
a garantir não só
longevidade,
como vida
qualitativamente
crescente.**

¹ ORTEGA Y GASSET, “A Rebelião das Massas”, Madrid, 1979, p. 81.

É um homem que aprendeu a conhecer melhor os seus direitos. O que antes teria sido considerado uma gratuidade aleatória, hoje é direito que não se agradece, mas se exige.

pela impressão nativa e radical de que a vida é fácil, abundante, sem limitações trágicas; portanto, cada indivíduo médio encontra em si uma sensação de domínio e triunfo;

É um homem dado a afirmar a si mesmo tal qual é, a dar por bom e completo seu haver moral e intelectual. Este contentamento consigo o leva a fechar-se para toda instância exterior, a não escutar, a não por em dúvida suas opiniões e a não contar com os outros. Sua sensação íntima

de domínio incita-o constantemente a exercer predomínio. Agirá, portanto, como se só ele e seus congêneres existissem no mundo;

É um homem que, acostumado excessivamente com um mundo cheio de possibilidades, que produz automaticamente deformações e viciosos tipos de existência humana, adota a tônica existencial da insinceridade”².

Mas não é só fratura o que existe na humanidade presente. Saliente-se, no perfil positivo do homem contemporâneo:

É um homem que aprendeu a conhecer melhor os seus direitos. O que antes teria sido considerado uma gratuidade aleatória, hoje é direito que não se agradece, mas se exige.

“É um homem agraciado pela inovação radical do destino humano. Cria-se um novo cenário para a existência do homem... Três princípios tornaram possível este novo mundo: a democracia liberal, a experimentação científica e o industrialismo.

² MIGUEL RUBIO, “O Contexto da Modernidade e da Pós-Modernidade”, in “Ética Teológica”, MARCIANO VIDAL, Editora Vozes, Petrópolis, 1999, p.110/111.

É um homem que na ordem cívica e moral dispõe de um meio ambiente social em que todos os homens são legalmente iguais.

...

É um homem projetado para o futuro. De modo diferente do homem de outras épocas, nada parece ter sentido para ele se não for em função do futuro”³.

O avanço científico é uma larga estrada para a secularização. A antropologia substitui a cosmologia e a teologia. *“A esfera do religioso fica desfatalizada. Deus fica libertado do papel de guardião rigoroso de inquebrantáveis normas eternas... O homem assume um protagonismo cada vez mais eficiente e extensivo, que não se detém diante do ordenamento moral. À heteronomia segue a autonomia. Ao sistema de moral unívoco e fechado, os sistemas aleatórios e abertos”⁴.*

O homem contemporâneo se considera capaz de estatuir suas próprias regras. Emancipa-se de toda tutela moral que o mantivesse num estado de minoridade. Concebe uma existência que desloca o sentido da culpa e do pecado. Adota a moral sem pecado. Implanta faticamente *“um relativismo tal das referências morais que circunstancializa, subjetiva e privatiza demasiadamente o campo da realização ética – moral de situação”⁵*. Dissocia religião e ética e pratica a moral neutra ou asséptica. Dissemina a compreensão dos valores morais apenas em função de seu sentido prático e da própria utilidade – moral pragmática e utilitarista. Tende a identificar o valor ético de uma ação com a experiência de prazer e satisfação que ela acarreta – moral hedonista⁶.

³ MIGUEL RUBIO, op.cit., idem, ibidem.

⁴ MIGUEL RUBIO, op.cit., idem, p.116.

⁵ MIGUEL RUBIO, op.cit., idem, p.118.

⁶ Mais completo em MIGUEL RUBIO, “Crisis de la ética cristiana em el mundo moderno”, *Moralia*, 4, (1982), p.189-226, sobretudo p.206 e ss.

Aqui entra o motivo profundo que justifica a postura de alguém, tão imperfeito e tão distante do ideal cristão, a assumir o desafio de ingressar numa Academia Cristã de Letras.

MOTIVAÇÃO

A motivação imediata é singela. Um convite formulado por essa legenda viva de autêntico cristianismo que é IVES GANDRA DA SILVA MARTINS, secundado pelo homem que revolucionou moralmente a comunicação social no Brasil, o jornalista JOÃO MONTEIRO DE BARROS FILHO.

Um convite formulado por essa dupla de moral hercúlea é irrecusável. Não é convite, é intimação. Não posso deixar de lembrar a saudosa MARIAZINHA CONGILIO, que também se impusera mais esse gesto generoso: conduzir-me ao seletíssimo grupo de intelectuais que se propôs a adotar Cristo como o paradigma.

**A Academia Cristã
de Letras foi
fundada em
14 de abril de 1967
e o primeiro titular
da Cadeira 8,
foi Benevides
Beraldo.**

Foram eles instrumentos valiosíssimos da Providência, que não desiste de estender a salvação a todas as criaturas. Minha gratidão em Cristo, aos proponentes de meu nome e a quantos me honraram com sua confiança e o compromisso de tentar honrar a indicação.

Retornarei à motivação profunda, mas antes me incumbe cumprir os deveres acadêmicos.

OS ANTECESSORES

A Academia Cristã de Letras foi fundada em 14 de abril de 1967 e o primeiro titular da Cadeira 8, Benevides Beraldo, tomou posse em 1º de dezembro de 1967.

Natural de Amparo, onde nasceu em 1º de maio de 1907, foi Serventuário da Justiça e jornalista. Católico militante, fazia pregações na Paróquia de São José Operário de Capão Redondo e exerceu com exação as funções de Oficial do Registro Civil de Itapeverica da Serra.

Divulgou a história da cidade e ornou vários jornais com seus relatos de resgate da memória. Num deles, de título “*A História Continua*”, reconstitui a narrativa, envolta em tradição, de que o Padre Belchior de Pontes teria sido sepultado no Largo da Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres de Itapeverica. Ali ainda existe o busto do taumaturgo, obra do escultor santamarense Júlio Guerra, também autor do conhecido monumento a Borba Gato.

Sucedeu-o o médico João Carvalhal Ribas, que tomou posse em 6 de novembro de 1987. Foi então saudado pela palavra erudita do também escultor Duílio Crispim Farina, meu saudoso antecessor na Cadeira 40 da Academia Paulista de Letras.

Da magnífica oração proferida, extrai-se que o médico, professor de psiquiatria e humanista era figura exponencial, “*lidador enaltecido nos prélios da inteligência, sempre a desmesurar as lindes do saber, nas variantes da medicina, ciência e cultura*”⁷.

⁷ DUÍLIO CRISPIM FARINA, “Oração de recepção Academia Cristã de Letras ao acadêmico JOÃO CARVALHAL RIBAS, arquivo da ACL.

Como terceiro titular, humildemente adentro à Academia Cristã de Letras, para ocupar a Cadeira de número 8, cujo patrono é o Padre Belchior de Pontes.

Meu antecessor era consagrado por “*Bagagem imensa de trabalhos, obras de fundo alcance e não menor conteúdo psico-social e filosófico. Entre tantos títulos, em tomos de eleição, citamos Psicologia e Arte da Palavra, Existencialismo e Higiene Mental, Oscar Wilde à luz da Psiquiatria, Quando um Psiquiatra lê Nietzsche, A Pintura Moderna à luz da Psiquiatria, Música e Medicina, Movimentos Místicos Coletivos no Brasil, Uma modalidade de delinquência platônica, A Literatura Policial, Escritores da Casa de Arnaldo e outros, outros e tantos mais*”⁸. Dentre eles, o ensaio “As Fronteiras da Demonologia e da Psiquiatria”

foi considerado obra-prima, ponto áureo de enaltecimento da inteligência pátria.

Finalmente, como terceiro titular, humildemente adentro à Academia Cristã de Letras, para ocupar a Cadeira de número 8, cujo patrono é o Padre Belchior de Pontes.

⁸ DUILIO CRISPIM FARINA, op.cit., idem.

PADRE BELCHIOR DE PONTES

Sacerdotes sempre foram constância tutelar em minha casa. Primeiro, o tio-padre, Monsenhor Venerando Nalini, que estudou no Seminário de Pirapora, foi Vigário em Cabreúva, Itu, na Lapa por 22 anos e faleceu em odor de santidade, como Capelão da Casa de Retiros Dom José, em Barueri.

Padre às antigas. Dogmático. Rígido. Mas generoso, devotado e já precocemente ecologista. Costumava trocar com minha mãe mudas de cravos, a cujo cultivo se entregava enquanto fazia suas orações.

Depois, os sacerdotes salvatorianos que se encarregaram de minha formação no Ginásio e Colégio Divino Salvador. Dentre eles, destaco o Padre Paulo de Sá Gurgel, hoje a residir em Barbalha, no Ceará e que ainda me estimula com suas freqüentes missivas e mensagens edificantes. Sacerdote que, além do ensino, também privava com a família do aluno, a conviver com os pais, a zelar pela educação por inteiro, muito além do horário das aulas.

Senti-me em casa, portanto, quando constatei que o patrono da Cadeira 8 era o Padre Belchior de Pontes. E o que eu sabia dele?

Confesso: quase nada! O enciclopédico Paulo Bomfim me municiou de alguns dados: Belchior de Pontes, filho de Pedro Nunes de Pontes e de D. Inês Domingues, nasceu em São Paulo, em 1643. Entrou muito moço para o Colégio dos Jesuítas e concluiu os estudos no Colégio da Bahia, de onde voltou já ordena-

**Padre às antigas.
Dogmático. Rígido.
Mas generoso, devotado
e já precocemente
ecologista. Costumava
trocar com minha mãe
mudas de cravos, a cujo
cultivo se entregava
enquanto fazia suas
orações.**

do sacerdote. Em São Paulo, dedicou mais de quarenta anos ao sacerdócio e à evangelização. Percorreu aldeias e lugares os mais longínquos. Sua pureza de costumes e abnegação de bens terrenos lhe granjearam a reputação de santo.

Faleceu no Colégio dos Jesuítas em São Paulo, em 22 de setembro de 1719. De acordo com alguns historiadores, foi fundador da Igreja existente no Embu, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário.

O jesuíta Manoel da Fonseca, em fins do século XVIII, escreveu sua biografia e o escritor Júlio Ribeiro escreveu um romance baseado em sua vida, aliás simplesmente denominado “Padre Belchior de Pontes”. O próprio autor, no prólogo assinado em 1o de setembro de 1876, esclarece: *“Padre Belchior de Pontes” é um romance essencialmente histórico em sua máxima parte: tirados alguns anacronismos necessários ao enredo, algumas ficções e um ou outro personagem de imaginação, tudo o mais teve vida, “passou-se mesmo”, como poderá ver quem se-quiser-dar ao trabalho de compulsar a “Nobiliarquia Paulista”, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, a “Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes”, por Manuel da Fonseca, a “Crônica da Companhia de Jesus”, por Simão de Vasconcellos, as “Memórias da Capitania de São Vicente”, por Frei Gaspar da Madre de Deus, o “Quadro Histórico da Província de São Paulo”, pelo Brigadeiro Machado de Oliveira, os “Apontamentos para a História dos Jesuítas”, pelo Dr. Antonio A. H. Leal, os “Precursores da Independência”, pelo Dr. Martim Francisco Júnior, a “Cruz de Cedro”, pelo exmo. Barão de Piratininga, etc. etc”.*⁹

⁹ JÚLIO RIBEIRO, “Padre Belchior de Pontes”, Coleção Reminiscências, Direção de Décio Pacheco Silveira, 6a edição, Empresa Editora J.Fagundes, São Paulo, edição autorizada por D.Belizaria Ribeiro, viúva de Júlio Ribeiro, “Ao Leitor”, p.10, mensagem datada de 1o de setembro de 1876.

Era pouco saber que o Patrono da Cadeira 8 foi um personagem histórico. Mais gratificante foi descobrir que ele foi verdadeiramente sacerdote e verdadeiramente santo.

O historiador Affonso de Escragnole Taunay prefaciou o livro “Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes da Companhia de Jesus da Província do Brasil composta pelo Padre Manoel da Fonseca, da mesma Companhia e Província, oferecida ao nobilíssimo Senhor Manoel Mendes de Almeida, Capitão Mor da Cidade de São Paulo & C”, editada em Lisboa, na Oficina de Francisco da Silva, Anno de MDCCLII” (1752), quando reeditado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, em 1932.

Assinala que o livro do jesuíta Manoel da Fonseca, por conter notícias históricas e políticas, foi objeto da censura. A Mesa Censora mandou o suprimir e recolher por edital de 10 de junho de 1771. A reconstituição da obra e - sobretudo, o resgate de dados biográficos do biógrafo do Padre Belchior - só foi possível graças à dedicação de outro jesuíta, que teve o privilégio de conhecer: Padre Murillo Moutinho, então Lente de História do Colégio São Luiz. Foi o Padre Moutinho quem localizou o assento de batismo de Belchior de Pontes, celebrado em 6 de novembro de 1644. Não se sabe exatamente o dia de nascimento, em modesta propriedade rural, junto ao córrego de Pirajuçara. O que é providencial, pois o importante para o cristão é o dia de seu encontro com a realidade inafastável da morte, data de ingresso na eternidade transcendente.



De acordo com alguns historiadores, foi fundador da Igreja existente no Embu, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário.

A leitura do raríssimo livro é edificante. Vê-se que o padre Belchior de Pontes foi modelo de virtudes desde a infância.

Ao colaborar com a reedição, Padre Murillo Moutinho, recentemente falecido, quase centenário, manteve a tradição da injustiçada Sociedade de Jesus. *“De fato os abnegados apóstolos, com a conversão dos selvagens, com as escolas que estabeleceram por toda a parte, as únicas da colônia, com a pregação da moralidade evangélica aos primeiros colonos perversos e criminosos, foram os criadores da nossa civilização e, mais ainda, os garantidores da integridade do nosso sôo quando ameaçado pela cobiça do estrangeiro ousado, sempre rechaçado*

por eles, auxiliados pelos seus catecúmenos e fiéis. São admiráveis e cheios de ensinamentos os fastos de nossa vida colonial escritos por essa pequena falange de religiosos”¹⁰.

A leitura do raríssimo livro, cujo único exemplar disponível devo à fidalguia da Biblioteca do Museu Republicano de Itu, é edificante. Vê-se que Belchior de Pontes foi modelo de virtudes desde a infância. Desligado de interesses materiais – o que parece incompreensível nesta era de materialismo o mais insano – só fruía prazeres nas coisas de Deus.

¹⁰ LAMEGO, “Terra de Goytacá”, volume III, citado por AFONSO E. TAUNAY, in “Um hagiógrafo luso-brasileiro obscuro”, prefácio do livro “Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesus, Da Província do Brasil. Composta pelo Padre Manoel da Fonseca, da mesma Companhia, e Província. Offerecida ao nobilíssimo senhor Manoel Mendes de Almeida, Capitão Mor da Cidade de São Paulo & C”, Lisboa, na Officina de Francisco da Silva, ano de 1752, reeditada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo-Caveiras-Rio, 1932.

Não foi apenas pobre. Foi miseravelmente pobre¹¹. Desde a sua ordenação, *“teve princípio aquela tão extremada pobreza, que nunca chegou a possuir coisa, que pudesse ter o título de curiosidade; pois nunca teve arca, baú ou semelhantes alfaias, ainda que fossem de pouca estima, em que pudesse guardar coisa alguma”*¹².

Era essencialmente humilde. Na postura, nos trajos, na fala. Já considerado oráculo e vidente, se por alguma pessoa requisitado a opinar sobre um assunto, não hesitava em dizer: *“Senhor, eu não sei dar bom conselho”*¹³. De igual maneira, *“Se alguém o nomeava por Santo, conservando umas vezes uma inalterável composição de ânimo, que nem se move com louvores, nem com vitupérios, respondia com donaire, e como quem de si mofava, dizendo: Santo sim, mas de pau pode”*¹⁴.

Desligado de interesses materiais – o que parece incompreensível nesta era de materialismo o mais insano – só fruía prazeres nas coisas de Deus. Não foi apenas pobre. Foi miseravelmente pobre.

¹¹ “O que tinha de mais precioso era uma imagem de Cristo Crucificado, emprego total do seu coração: mas ainda esta não excedia os limites da santa pobreza, servindo-se só aquela crucificada Imagem de esculpir em sua alma tantas dores, e chagas que, ainda entrando mortas pelos olhos, lhe ferissem muitas vezes o coração. Os seus vestidos eram tão pobres, que talvez se envergonhariam de os vestir ainda os mesmos mendigos. Eram de algodão, pano tão pouco estimado, que até os mesmos escravos trabalham pelo não vestirem. A sua roupeta envergonhada de tantos remendos, e perdida a primeira cor, que tinha recebido na lama, já parecia vermelha/ e uma pessoa, que com maior atenção olhou para ela, não se atreveu a divisar qual fora o primeiro pano”. (Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.37.

¹² Padre MANOEL DA FONSECA, “Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes”, cit., p.26.

¹³ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.31.

¹⁴ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.32.

Morreu aos setenta e cinco anos, sem saber o valor da moeda. Sua exclusiva moeda foi a oração.

Certa feita, ao lhe pedirem por escrito orações especiais, respondeu: *“Nos rascunhos, que me fez, me pedia encarecidamente minha dívida, e obrigação que tenho de encomendar a Deus meus amigos; assim o vou fazendo, principalmente nos momentos da Missa, mas como grande pecador não serei ouvido de Sua Majestade; mas consolo-me de que há quem tem merecimentos nesta Sagrada Religião para ser ouvido de Deus em favor de v.m., que são os Religiosos dela”*¹⁵.

Era casto, era obediente, era paciente¹⁶ e se mortificava. *“Coroava todas estas virtudes com uma simplicidade verdadeiramente columbina, a qual, nascendo com ele, o acompanhou até a morte. Era tão alheio das cavilosas máquinas, com que hoje se vive no mundo, que as não entendia, persuadido a que era costume de todos os homens dizerem sinceramente, como ele fazia, o que queriam”*¹⁷.

E pasmem, queridos irmãos, viventes nestes tempos de consumismo e hedonismo: nunca chegou a conhecer dinheiro. Morreu aos setenta e cinco anos, sem saber o valor da moeda¹⁸. Sua exclusiva moeda foi a oração.

¹⁵ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.34.

¹⁶ FRANCISCO DE ASSIS: “É impossível saber que grau de paciência e humildade tem um servo de Deus, uma vez feito seu caminho”(“Advertências”, in VALERIE MARTIN, “Irmão Sol - Cenas da Vida de São Francisco de Assis”, Sá Editora, Empório do Livro, São Paulo, 2001, p.94.

¹⁷ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.67.

¹⁸ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.69.

Fervoroso no culto a Nossa Senhora, espalhava a prática do terço do rosário, a devoção dos sete gozos¹⁹, a recitação do *Magnificat*, a oração da Salve Rainha ou da singela Ave-Maria. Homem de opinião, muito longe esteve de ser fraco. Era metuculoso e celebrava o santo sacrifício da missa com devoção e sem pressa. *“Com ser tanta a frequência, com que a dizia, não se enfastiava do altar, lembrado talvez de um rótulo, que tinha apontado de sua letra, cujo título era: Despertador breve de Sacerdotes com demasia apressados em dizer Missa, no qual, notando a pressa, pouco decoro e devoção, com que nela assistem, conclui assim: Conheçam todos que estou indevoto, e que de Sacerdote mais parece que tem o nome, do que a substância”*²⁰.

Evangelizador convicto e convincente, pregava de maneira incessante. Como quase não dormia, valia-se do horário destinado ao repouso noturno para escrever. *“Fomentava ele tão santos atos com vários avisos espirituais, que de sua letra tinha apontado, dando a um o título de Despertador breve para a alma descuidada, no qual discorre sobre aquelas palavras: Quis, quid, ubi, quoties, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando, mostrando a gravidade da culpa, a Deus ofendido, e a ira, com que arguirá ao pecador com aquelas mesmas palavras. A outro deu o título de Aviso brevíssimo para não pecar, amar a Deus e aborrecer o século, o qual contém razões tão eficazes, que me pareceu conveniente escrever aqui pelas mesmas palavras, com que ele as deixou escritas, e são as seguintes: Mil anos na Casa de Deus, é como o dia, que ontem passou: trezentos anos é como a primeira hora. Uma hora na casa, e mãe do pecado, que é o inferno, é como mil anos: tudo quanto se padece*

¹⁹ A devoção dos Sete Gozos que Nossa Senhora teve neste mundo foi revelada a São Tomaz, Arcebispo de Cantuária e consiste na promessa feita pela Virgem de alegrar na hora da morte a quem devotamente rezar sete Ave Marias em honra dos sete gozos que agora tem no céu e apresentar a Seu Santíssimo Filho sua alma depois de morto. (Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.74/75).

²⁰ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.84.

“Quando tinha algum índio doente, não somente o visitava, e consolava com suas palavras, mas também, fazendo o ofício de caritativo enfermeiro, procurava aliviá-lo.”

neste século, é como um sopro: tudo quanto se padece, se padeceu e se há de padeecer, é como um relâmpago, comparado com o Purgatório”²¹.

Em carta ao Capitão Mor Thomé Monteiro de Faria, inicia ele sua pregação com a persuasiva admoestação: “*Não tenha V.m. outro pensamento, nem outro interesse, senão desejar como poderá seguir o caminho da salvação*”²².

Pouco aos olhos de Deus tudo isso poderia parecer, não obrasse ele com a mais autêntica expressão da caridade. Nunca lhe faltou o mais gratuito amor ao próximo. “*Quando tinha algum índio doente, não somente o visitava, e consolava com suas palavras, mas também, fazendo o ofício de caritativo enfermeiro, procurava aliviá-lo, guisando-lhe com suas próprias mãos o que havia de comer: e sendo ele tão inimigo de guisados, e temperos, tão paciente nas suas enfermidades, que as não manifestava; era grande cozinheiro para os necessitados, e a mesma consolação dos enfermos. Era o seu médico, aplicando-lhes as medicinas, estudando-as, e fazendo delas apontamentos, para que a seu tempo lhas pudesse aplicar. Quando as suas moléstias davam lugar; e havia falta de cavalo fazia comumente as jornadas a pé, para que não tivessem os índios trabalho em carregá-lo: e não se satisfazia só com isto a sua grande compaixão; porque enquanto os via carregar a rede, andava o seu coração como angustiado conhecendo que era ele a causa daquela moléstia; ainda que mui ligeira para homens costuma-*

²¹ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.90.

²² Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.118.

*dos a levar pesos extraordinários pelas maiores serras, e por caminhos quase sem caminho*²³.

Nunca dizia não. Não demonstrou preguiça. Nos albores do século XVIII, foi pela costa atlântica em missão, até Paranaguá e Curitiba. Percorreu todo o Vale do Paraíba. Catequizou Itaquaquecetuba, Araçariguama, Carapicuíba e Itapeçerica da Serra²⁴. Enfim, a muitas vilas, freguesias e povoados *“tocou a boa sorte de ser visitada muitas vezes pelo nosso Herói; pois não era bem que tanta luz se ocultasse em um só lugar, quando Deus o tinha destinado para alumiar com a sua doutrina, e raras virtudes, todo o distrito de São Paulo*”²⁵.

Os índios o veneravam, pois *“ajudava muito ao seu zelo a natural eloquência da língua brasílica, de que era dotado; porque penetrando os desenganos do coração com a mesma eficácia, com que a propriedade da língua feria os ouvidos, eram muito maiores os frutos, que tirava das suas práticas: pois tem a língua nativa, armada de um fervoroso espírito, maior eficácia, para que, rendidas as vontades, acreditem, e sigam os ouvintes o que se lhes ensina*”²⁶. Profeta, taumaturgo, ubíquo, veraz, amável e santo, foi, sem dúvida, o jesuíta mais amado pelos índios de São Paulo. *“Tudo isto os movia a fazerem um conceito tão superior, ainda que digno de tais virtudes, que, querendo explicar com a língua, o que concebia o entendimento, lhe davam o honorífico título de Abaré Tupã, que vale o mesmo que Padre Santo*”²⁷.

²³ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.91.

²⁴ Menciona Antonio Joaquim da Rosa, Barão de Piratininga, no texto “Ermida de Santo Antonio”, contido no livro “Prosa e Poesia”, volume 14 da Biblioteca da Academia Paulista de Letras, que na Fazenda fundada pelo Capitão Fernão Pais de Barros, a seis quilômetros de São Roque, o Padre Belchior de Pontes celebrava missas e outras funções do seu santo ministério (p.135).

²⁵ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.133.

²⁶ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.104/105.

²⁷ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.144.



**São Francisco,
o primeiro
sacerdote
ecologista, a
chamar a água
de “Irmã” e a
reconhecer, de forma
pioneira, a valia insólita
do bem da vida então
considerado infinito.**

Enfim, viveu e dedicou-se plenamente à Companhia de Jesus por 49 anos e quase três meses e só nas Missões de São Paulo, labutou mais de quarenta anos. Faleceu às três da tarde de 22 de setembro de 1719. *“Não teve mudança alguma o seu cadáver, antes conservando sempre a mesma disposição, que teve em vida, dava a entender que tinha sido aquela separação um leve sono, do que despojos da morte; e ainda posto no féretro, para ser sepultado, conservava no rosto aquela ale-*

gria, de que era dotado, se é que com aqueles sinais não queriam dar mostras da que gozava seu espírito na Glória... e deposto o cadáver na sepultura, o cobriram primeiro de flores, do que de terra; pois era justo que fosse depositado em flores, quem, tendo vida, tanto soube florescer em virtude, e produzir tantos frutos de santidade”²⁸.

FRANCISCO DE ASSIS

Entre as fecundas existências do Patrono da Cadeira 8 – Padre Belchior de Pontes - e do Patrono da Academia Cristã de Letras – São Francisco de Assis - há mais do que uma coincidência. A pobreza franciscana, a humildade, a modéstia, a obediência, a castidade, a santidade, tudo identifica os dois sacerdotes.

²⁸ Padre MANOEL DA FONSECA, op.cit., idem, p.261.

Porém, algo mais existe a uni-los. O amor à natureza. São Francisco, o primeiro sacerdote ecologista, a chamar a água de “Irmã” e a reconhecer, de forma pioneira, a valia insólita do bem da vida então considerado infinito. Padre Belchior de Pontes a caminhar de leve sobre o solo, para não maltratar a “Irmã Terra” e a resistir à caça, para não causar mal aos animais.

MOTIVAÇÃO PROFUNDA

Penetrar na existência documentada do Padre Belchior de Pontes foi uma incursão emotiva ao mais íntimo do meu convencimento. Convenço-me, e cada dia com força maior, de que o crepúsculo dos valores de nossa era é culpa nossa – e não há inocentes nessa constatação – por deixar de vivenciar os valores do Cristianismo. A começar por um padrão ético inspirado nos Evangelhos.

Nunca se falou tanto em ética, em conduta moral, como em nossos dias. Todavia, a sofisticação dos estudos, a erudição dos doutos, parece esquecer a ética mais substancial e completa, a ética teológica do amor à pessoa.

Tem sido fácil dissertar a respeito de ética – ou da falta de ética de nosso tempo. A missão urgente da ética deve ser outra. *“Trata-se antes de indagar como funciona a racionalidade moral em âmbitos que propõem problemas específicos, não homogeneizáveis de modo simplista, como são*

**Convenço-me,
e cada dia com
força maior, de que o
crepúsculo dos valores
de nossa era é culpa
nossa – e não há
inocentes nessa
constatação – por
deixar de vivenciar os
valores do Cristianismo.**

o ecológico (no qual é preciso contar com uma responsabilidade que vai além do indivíduo, com gerações futuras, com uma revisão do antropocentrismo), o econômico e empresarial, (que disputará necessariamente com uma racionalidade estratégica e competitiva), o da sociedade civil (para a qual é preciso encontrar um mínimo de unidade que sustente o respeito à pluralidade), o político (que, como dizia Maquiavel, não pode prescindir da virtu e da sorte, quer dizer, da conjuntura e da habilidade pessoal, além da irracionalidade), o médico (no qual o princípio da beneficência deve ser conjugado com os de autonomia e justiça), e também o âmbito das distintas profissões, em que tem um capítulo muito peculiar a ética da informação²⁹ e a ética dos operadores do direito.

Todos somos sujeitos morais. Na volúpia das conquistas materiais e na busca do conhecimento científico, quantas vezes nos esquecemos do principal? E o principal é o espírito.

**Na incompreensível
angústia
da pressa;
justamente quando
os meios
de comunicação
e transporte
se tornaram
rapidíssimos, a
angústia da pressa
se exacerba.**

Preocupamo-nos, cada vez mais intensamente, com a saúde do corpo. Todavia, quantas almas enfermas!

Podemos não estar inteiramente conscientes disso, pois a palavra “Deus” é utilizada à exaustão. Inconscientes, nos debatemos “na incompreensível angústia da pressa; justamente quando os meios de comunicação e transporte se tornaram rapidíssimos, a angústia da pressa se exacerba. Não tinha pressa o homem de

²⁹ ADELA CORTINA, “Ética Filosófica”, in “Ética Teológica”, cit., idem, p.149.

outrora que rodava sobre a nostalgia dos carros de bois. Mas é devorado pela pressa o homem atual que forjou velocidades incríveis. Quanto mais corre, mais pressa tem e no fundo é incapaz de explicar essa pressa; não sabe porque tem pressa; não sabe nem mesmo se tem pressa. No entanto, a tortura da pressa pode ser a tradução externa da necessidade de fugir a si mesmo, de não querer voltar a si mesmo, onde se encontra apenas o vazio onde cada alma está mortalmente ferida pela monotonia. A que fugimos? Fugimos a um mundo sem Deus e, portanto, a uma vida sem significado e sem arte; fugimos a nós mesmos, como se foge a um abismo sem fundo; e fugimos em velocidades tão ilusórias e tão enormes que não somos capazes de viver nem a nossa própria fuga; passamos por toda parte e nunca estamos em lugar algum”³⁰.

A experiência viva de Deus é a necessidade mais premente de cada ser humano. A aparente balbúrdia da sociedade atual disfarça esse clamor inconfundível: as almas ansiando pelo seu encontro com Deus.

A experiência viva de Deus é a necessidade mais premente de cada ser humano. A aparente balbúrdia da sociedade atual disfarça esse clamor inconfundível: as almas ansiando pelo seu encontro com Deus. “*Nem o positivismo e o materialismo conseguiram libertar-se do tormento de Deus: as mais sérias tentativas levadas a cabo para desvencilhar o pensamento humano dessa marca indelével, deram unicamente como resultado a mudança artificial do nome de Deus. Taine nega Deus, mas fala depois de um “axioma eterno que se pronuncia a si mesmo no éter lumi-*

³⁰ HERALDO BARBUY, “O problema do ser e outros ensaios”, Editora Convívio-EDUSP, SP, 1984, p.170/171.

noso e inacessível”. Renan não acredita em Deus, mas acredita no Tempo, “soberano fator do universal devir”. Os materialistas chamam a Deus de matéria (entidade que não se sabe o que seja), ou de “técnica”, ou de “forma da produção econômica”, ou de “natureza”, tomando sempre o abstrato pelo concreto, numa rica variação de termos, que procuram negar verbalmente a existência de Deus substituindo apenas o seu Nome. Toda negação de Deus conduz a esse paradoxo. Consegue-se mudar o nome de Deus, mas não se consegue mudar Deus mesmo. O terrível esforço para libertar o homem dos abismos inquietantes e dos mistérios divinos deu como resultado o desespero contemporâneo: onde Deus está mais do que nunca presente”³¹.

Deixemos de fugir e nos propiciemos este encontro, coloquemos nossa alma em seu único e definitivo refúgio. Entreguemo-nos ao inefável. Não tentemos mais fugir de Deus.

**Não faria sentido
o seu existir,
não fora para
cristianizar
os ambientes.
Para tornar vivas as
lições evangélicas.**

Experimentemos, portanto, tomar a palavra evangélica sobre o amor como supremo princípio ético. Sabe-se que essa prescrição moral do Evangelho corporifica a atitude ética em sua suma perfeição. É um ideal aparentemente inapreensível, um convite à perfectibilidade, um desafio a que dele procuremos nos aproximar e assemelhar num processo ininterrupto e infinito. Será uma vã utopia?

³¹ HERALDO BARBUY, “A intuição de Deus na Filosofia”, op.cit., idem, p.179/180.

Contudo, para isso que fomos criados e é para refletir sobre nossos destinos que se justifica a existência de uma Academia Cristã de Letras. Não faria sentido o seu existir, não fora para cristianizar os ambientes. Para tornar vivas as lições evangélicas.

Urge resgatar aquilo que foi prescrito pelo Cristo e reiterado por São Paulo, inspiração desta cidade: *“Toda a lei se encerra numa só palavra: Amarás teu próximo como a ti mesmo”*³². Cumpre aproximar todos – e cada um – daquela *“plenitude e abundância interminável da suavidade incorruptível”*³³.

Urge aproveitar o tempo que nos resta. *“Uma hora compõe-se de fugitivos instantes. Tudo o que dela já debandou é passado. Tudo o que ainda resta é futuro. Se pudermos conceber um espaço de tempo que não seja suscetível de ser subdividido em mais partes, por mais pequeninas que sejam, só a esse podemos chamar tempo presente. Mas este voa tão rapidamente do futuro ao passado, que não tem nenhuma duração. Se a tivesse, dividir-se-ia em passado e futuro. Logo, o tempo*

**Francisco de Assis,
Belchior de Pontes
e todos vós,
irmãos em Cristo,
nos auxiliem a
converter esse
mandamento – o
amai-vos uns aos
outros – em algo
mais concreto
e definitivo
do que uma
bombástica, piegas
ou estéril
proclamação
retórica.**

³² Gálatas, 5, 14.

³³ SANTO AGOSTINHO, “Confissões”, Abril Cultural, 1ª edição, 1973, p.50, “A alegria do mal”.

³⁴ SANTO AGOSTINHO, op.cit., idem, p.245, “As três divisões do tempo”.

**O presente é breve.
Urge não perdê-lo. Se
isso vier a acontecer,
juntamente com ele,
poder-se-á perder o
mais precioso bem: a
alma sarada.**

*presente não tem nenhum espaço*³⁴. O presente é breve. Urge não perdê-lo. Se isso vier a acontecer, juntamente com ele, poder-se-á perder o mais precioso bem: a alma sarada.

Francisco de Assis, Belchior de Pontes e todos vós, irmãos em Cristo, nos auxiliem a converter esse mandamento – o amai-vos uns aos outros – em algo mais concreto e definitivo do que uma bombástica, piegas ou estéril proclamação retórica.

ESPERANÇA

Há ainda esperança

Cláudio Salvador Lembo

Vice-governador do Estado de São Paulo
e ex-reitor da Universidade
Presbiteriana Mackenzie.



Devo confessar que acho este momento privilegiado em minha vida. Por estar entre honradas personalidades e participar da posse de uma figura respeitada como o Nalini na Academia Cristã de Letras. Por que é importante este momento? Nós estamos vivendo, realmente, uma situação de degradação dos costumes e dos valores morais. O que era o Império Romano Cristão do Ocidente se dissolveu nas nações, as nações se dissolveram nos costumes e atingimos, neste século XXI, momentos extremamente degradantes da História da Humanidade. Já não somos mais capazes do diálogo, do respeito ao outro, do respeito à dignidade, à convivência do pluralismo entre as demais formas de pensamento. Estamos realmente num momento extremamente difícil.

Ora, os acadêmicos reunidos neste Sodalício demonstram que há ainda esperança. Há esperança firme, sólida, evangélica, de que é possível alterar os costumes e o valores se retornarem às nossas vidas. Portanto estar aqui, nesta tarde, num momento tão solene em que Nalini recebe tão valioso título de Acadêmico da Casa, é extremamente importante.

Eu creio sim, que nós possamos ainda alterar este processo degradante que vem ocorrendo ultimamente. O consumismo, que não é um valor brasileiro, a degradação dos costumes que também não é um valor brasileiro, tudo isso poderá ser alterado com o exemplo de pessoas como os acadêmicos deste Sodalício, como Nalini, como Ives Gandra. Pessoas que efetivamente acreditam naquilo que pregam, fazem e expõem.

Já não somos mais capazes do diálogo, do respeito ao outro, do respeito à dignidade, à convivência do pluralismo entre as demais formas de pensamento.

É preciso, portanto, que, a cada momento, situações como as que ocorrem neste momento se repitam em São Paulo. Eu tenho certeza de que, nesta São Paulo tão rica, mas tão pobre ao mesmo tempo, tão paradoxalmente pobre e rica, reuniões como a de hoje poderão oferecer um patamar para se alterarem os costumes que vão ocorrendo pelo Brasil afora. Estou convicto de que a tarde de hoje nos fortalecerá e nos permitirá reviver os nossos valores mais profundos. Aqueles valores que foram trazidos para São Paulo pelo padres jesuítas, beneditinos, franciscanos, por aqueles cristãos verdadeiros de que os senhores são representantes neste momento.

Portanto, parabéns! Parabéns à Academia, parabéns ao nosso Acadêmico Nalini e que nós possamos ser todos missionários numa nova evangelização necessária neste momento no Brasil, necessária para que efetivamente se possa preservar a dignidade da pessoa.

Apoio institucional:



CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA

CIEE São Paulo

Rua Tabapuã, 540 - Itaim Bibi - São Paulo/SP - 04533-001

Telefone do estudante: (11) 3040-8211

Atendimento às empresas: 0800-112929

Fax: (11) 3040-9955

www.ciee.org.br